

# Métodos de Análise do Espaço Ocupado Pela Imagem no Jornalismo

## Methods to Analyze the Space Occupied by the Image in Journalism

Andressa Kaliberda<sup>a\*</sup>; Carlos Alberto de Souza<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Universidade Estadual de Ponta Grossa, Curso de Jornalismo, PR, Brasil

\*E-mail: andressakaliberda@yahoo.com.br

---

### Resumo

A fotografia toma cada vez mais espaço no processo comunicacional. O que antes era visto como forma de ilustrar uma notícia, hoje é tratado como fonte informativa do processo. Essa relação do meio com a imagem se modifica com o passar dos anos, seja no espaço ocupado por ela no periódico, ou nos assuntos pautados fotojornalisticamente. Para que se possa observar essas mudanças, dois métodos são sugeridos na análise, sendo ele o chamado método conceitual ou topográfico, dado pela utilização dos principais conceitos de valorização da notícia. Também pode ser usado o método matemático, onde a relação é dada pela porcentagem de área ocupada pelas imagens em relação ao total de área noticiosa do jornal. A fim de compreender melhor o uso desses dois métodos, é utilizado o jornal Folha de Irati, semanário que circula no município desde 1973. A análise do jornal é feita de forma a exemplificar os métodos propostos.

**Palavras-chave:** Métodos de Análise. Fotojornalismo. Matemática. Conceitos. Imagem.

### Abstract

*Photography gradually gets more space in the process of communication. What was seen as a way to illustrate the news, now is treated as an informative source of the process. This relationship between the media and the image is modified throughout the years, either on the space it occupies in journals, and on the subjects treated photo and journalisticly. In order one can observe these changes, two methods are suggested in the analysis: one of them is the conceptual or topographic method, that uses the main concepts of valorization of the news. The mathematic method can also be used, in which the relationship is given by the percentage of area occupied by images versus the total area of the news in the newspaper. In order to better understand the use of these methods, we used the newspaper Folha de Irati, that exists since 1973. The purpose of the analysis was to exemplify the methods.*

**Keywords:** *Methods of Analysis. Photojournalism. Math. Concepts. Image.*

---

## 1 Introdução

O fotojornalismo vem sofrendo diversas transformações ao longo dos anos. Esses momentos, ocorridos em consonância com algumas das principais mudanças vividas pela sociedade, se traduzem nos assuntos, nas formas de abordagem e no próprio espaço ocupado pela fotografia dentro dos periódicos.

A imagem, como linguagem visual, tem papel fundamental nos meios informativos, uma vez que sempre chama atenção do leitor antes do texto. Hoje, sua função vai além de apenas ilustrar a informação, ela funciona como fonte informativa, um complemento que transmite ao leitor conteúdos que o texto não seria capaz de mostrar.

Dessa forma, o espaço ocupado pela imagem no periódico é de suma importância para a transmissão da informação em seus mais diversos aspectos ao leitor. Sendo assim, a análise desse espaço pode ser feita por meio de vários métodos que dão ao pesquisador uma noção mais ampla e sob várias facetas da valorização que o fotojornalismo sofre nos periódicos.

## 2 Desenvolvimento

### 2.1 Revisão de literatura

#### 2.1.1 Definindo imagem e fotojornalismo

A imagem, presente no dia a dia do ser humano, pode ser tratada como representação do real, um simbolismo ilustrado pela Caverna de Platão. Segundo ele, a imagem é um espelho dos objetos e fatos sociais, que dão ao interlocutor uma ideia de como são, na realidade, tais fatos sem, no entanto, apresentar-lhe o mesmo pessoalmente. “Denomino imagens primeiramente às sombras, depois aos reflexos que se vêem nas águas ou na superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes, e a todas as representações semelhantes” (PLATÃO, 1997, p.263) Assim, a imagem não está contida no objeto, mas na representação, seja física ou mental do mesmo.

Joly (1996, p.13) define a imagem como

algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concretamente, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece.

Para ser tida como tal, a imagem depende de um sujeito produtor, que irá defini-la concretamente ou imaginariamente. A partir disso, pode-se ter uma representação da realidade por meio do desenvolvimento figurativo do fato ou objeto retratado, seja através de desenho, fotografia ou representação mental por meio da descrição.

De acordo com Neiva Júnior (1994, p.5) “a imagem é basicamente uma síntese que oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade”. Para o autor embora se possa descrever as imagens com frases, o efeito visual promove maior impacto diante do leitor, que compreende sua mensagem de forma diferente e mais precisa.

Pode-se considerar, assim, a imagem como uma forma de linguagem, sendo, dessa forma, composta por elementos que lhe dão significação. Dessa forma, a linguagem visual é, de certa forma, dependente de outras formas de linguagem, seja escrita ou oral. A significância da imagem pode ser dada pelo discurso do interlocutor, mas também é dependente da interpretação promovida pelo receptor da mensagem.

O campo da imagem é deveras diversificado, o que promove imprecisão quanto ao seu estudo. Segundo Meneses (2003, p.17).

é preciso municiar-se contra a diversificação e flexibilização indefinida do campo, como já assinalado, até o ponto de estilhaçamento, pelo foco na heterogeneidade dos suportes de representações visuais (fotografia, artes plásticas, cinema, vídeo e TV, imagem cibernética, caricatura, histórias em quadrinhos, publicidade, pichações, imaginária popular, tatuagem e pintura corporal, cartografia, imagens médicas e científicas em geral, etc.) e as densas tramas de questões tecidas em torno dessas referências.

Entretanto, segundo o mesmo autor, a fotografia é o único ramo da imagem que conseguiu se autodefinir e criar um campo de linguagem próprio, diferenciando-se das demais formas de produção e de significação imagética conhecidas. Dessa forma, o estudo da fotografia demanda referências e análises próprias, que independem daquelas produzidas de modo a suprir as pesquisas desenvolvidas nos demais setores de produção de imagem. Como linguagem, a fotografia surge no final do século XIX como produto da Revolução Tecnológica e se desenvolve pela necessidade de registrar os fatos sociais de maneira mais rápida e fiel.

Durante a maior parte de sua história, a imagem fotográfica foi observada através de uma postura conceitual carregada de uma forte preocupação com a objetividade e o realismo. Isto fez com que a subjetividade e a ficcionalidade da fotografia ficasse em segundo plano. Atualmente com o desenvolvimento das tecnologias de imagem digital estas posições buscam uma nova relação de equilíbrio (BURMESTER, 2006, p.1).

Dessa forma, como linguagem, os componentes da imagem devem seguir um equilíbrio entre si, de forma a transmitir a mensagem que se pretende da maneira mais inteligível que se possa. Mas, por se tratar de obra imagética, ela não pode deixar o conteúdo estético em segundo plano. “Podemos afirmar que é a configuração estética da

imagem a responsável pelo impacto que esta pode causar no seu observador” (SILVA, 2007, p.3). Assim, a imagem fotográfica é uma linguagem, e por si, mantém relações de interdependência com outras formas de linguagem, como a oral e a escrita. As características de linguagem, sobretudo a questão estética, contribuem no processo de significação da mensagem, além de atrair a atenção do leitor, o que figura como fator primordial na escolha da fotografia que melhor representa a mensagem que se deseja transmitir.

Barthes (1990, p.20) afirma que há uma inversão histórica a respeito da função do texto e da imagem. “A imagem já não ilustra a palavra; é a palavra que, estruturalmente, é parasita da imagem; [...] na relação atual, a imagem já não vem esclarecer ou ‘realizar’ a palavra; é a palavra que vem sublimar, patetizar ou racionalizar a imagem”. Mais do que ilustrar a notícia, a imagem fotográfica, sobretudo no jornalismo, passa a ser tratada como texto-notícia, transformando-se em fonte primordial de informação no meio jornalístico. E o texto escrito, segundo Barthes, é utilizado apenas para situar o leitor no espaço físico e temporal onde o fato ocorreu. Essa ideia transforma a fotografia numa espécie de representação da realidade mais forte do que o próprio texto jornalístico, dando maior significação ao texto imagético. Dessa maneira, pode-se afirmar que, apesar de não se conceituar mais a imagem como representação fidedigna da realidade, mas sim como um recorte estrutural da mesma, existe uma funcionalidade informativa na fotografia que não está representada no texto escrito.

Quando se fala em fotojornalismo, não há uma definição determinista sobre a sua significação. Entretanto, em geral, os conceitos encontrados apontam para o ato de informar pela imagem, conforme afirma Souza (2004, p.11-12)

[...] entendemos por fotojornalismo a actividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (‘opinar’) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes.

Ou seja, a determinação de fotojornalismo não está diretamente ligada aos critérios de noticiabilidade que permeiam o fazer jornalístico, mas segue critérios próprios relacionados aos conceitos de fotografia, juntamente com a ambição de informar. Dessa maneira, o fotojornalismo pode ser considerado como o ato de informar através da fotografia, onde o texto pode aparecer como mera complementação, no sentido contextualizador da mensagem transmitida por meio da imagem.

O surgimento da atividade fotojornalística está diretamente ligado à necessidade de representação imagética da realidade. Dessa forma, ao absorver alguns conceitos da pintura, principalmente quanto ao enquadramento e à iluminação, de forma a criar ambientes agradáveis no que diz respeito à apreciação visual, o fotografar acaba por construir uma

representação social da realidade, que proporciona ao homem uma nova forma de apreensão do real. “Desde os primórdios da fotografia as guerras foram campo fecundo para o exercício fotográfico. [...] Como consequência, a estética do trabalho fotojornalístico de alguns fotógrafos passaram a aproximar sua obra com a arte” (COUTINHO 2010, p.11). Seguindo esses parâmetros, o fotojornalismo, mais que informar, passa a se utilizar de meios estéticos para atrair o leitor. Como exemplos, podem ser tomadas imagens de Cartier-Bresson e Robert Capa, que, embora trazendo conteúdo informativo, privam pela estética como aspecto fundamentação para prender a atenção do espectador.

Em meados do século XIX, com o crescente interesse pela ideia de veracidade absoluta, transmitido pelo fotojornalismo, começa a surgir o discurso da objetividade fotojornalística, que visava driblar a censura e a manipulação das informações, além de promover maior credibilidade ao trabalho do fotógrafo. Após o final da Primeira Guerra Mundial, com a acentuação da busca por imagens mais nítidas e desvencilhadas da manipulação por meio da ajuda do objeto (ou pessoa) fotografado, os manuais sobre fotojornalismo começam uma tentativa de desvencilhamento do ofício de fotojornalista do campo das belas artes e da estética.

A imagem fotográfica, que já foi tida como realismo indubitável pelos teóricos, bem como pelo senso comum, por se tratar do congelamento de uma parte da realidade, hoje não tem mais essa característica. Mauad (1996, p.2) diz que

O caráter de prova irrefutável do que realmente aconteceu, atribuído à imagem fotográfica pelo pensamento da época, transformou-a num duplo da realidade, num espelho, cuja magia estava em perenizar a imagem que refletia.

Entretanto, esse conceito já foi refutado por várias correntes teóricas e hoje trata a imagem como simples representação parcial daquilo que aconteceu, retratada sob o ponto de vista do fotógrafo e subordinada à subjetividade do mesmo. Sendo assim, pode-se dizer que o ato fotográfico depende, além da exposição à luz, também do enquadramento dado pelo fotojornalista, que dará mais ênfase a esse ou àquele aspecto do fato social retratado, criando uma postura em relação ao mesmo, o que põe em xeque a objetividade intransponível da fotografia.

Com o desenvolvimento de novas técnicas para captação e edição de imagens, alguns aspectos da rotina do profissional de fotojornalismo passaram a ser reconfiguradas. (PEIXOTO; SILVA JUNIOR, 2006, p.2):

Pode-se citar desde uma preocupação diferenciada com o enquadramento ou a seleção de ângulos mais trabalhados, até a escolha de pautas as quais pudessem cada vez mais se conectar com um conceito que acabara por se desenvolver dentro das redações: o do *all news*.

Dessa forma, a busca pela informação imagética começa a criar parâmetros próprios, dando início ao que se pode chamar de critérios de noticiabilidade que são característicos ao fazer fotojornalístico. Estes, apesar de não serem os mesmos,

mantêm certas relações com os critérios de noticiabilidade jornalísticos convencionais, estudados nas academias como princípio básico do jornalismo tradicional. Como um desses princípios, Sousa (2004) cita a velocidade. Segundo o autor, os leitores buscam na fotografia o registro do momento exato do fato retratado. Essa atitude do fotógrafo, em congelar o momento exato, transfere maior veracidade à informação e fidelidade ao momento retratado, dando a sensação ao leitor de estar presente e ter pleno conhecimento acerca do que está sendo noticiado.

Barthes (1984) afirma que o fotojornalismo é uma mensagem, e como tal é constituída de três partes fundamentais e indispensáveis, sendo elas a fonte emissora, o canal de transmissão e o meio receptor. A fonte transmissora, segundo o autor, seria o fotojornalista, ou a própria redação do meio informativo. O canal de transmissão é o meio pelo qual a fotografia chega ao público (jornal, revista, sites, entre outros) e o meio receptor é o público leitor. Segundo o autor, além da própria imagem, há outros elementos componentes da mensagem que dão sentido à mesma, sendo, por exemplo, o título, a legenda, a paginação e de maneira menos eloquente, porém tão importante, o nome do jornal. Entretanto, apesar desses elementos constituírem um contexto informativo do qual a fotografia é o centro, ela não é totalmente dependente desses meios, mas depende do texto para ter sua significação completa.

[...] a estrutura da fotografia não é uma estrutura isolada; ela comunica pelo menos com outra, que é o texto (título, legenda ou artigo) de que qualquer fotografia de imprensa vem acompanhada. A totalidade da informação é, portanto suportada por duas estruturas diferentes (das quais uma é linguística); estas duas estruturas são concorrentes, mas como as suas unidades são heterogêneas, não podem misturar-se; aqui (no texto), a substância da mensagem é constituída por palavras; lá (na fotografia), por linhas, superfícies, tons (BARTHES, 1984, p.2).

Entretanto, para que se possa ter uma noção clara e completa sobre a mensagem, é preciso que se faça uma análise sobre cada uma dessas estruturas separadamente. E somente quando se estiver esgotado o estudo sobre cada uma dessas partes que compõem a mensagem jornalística é que se poderá ter uma noção mais clara sobre como elas se complementam, dando significação ao informativo. Mas, para que haja uma completa análise em relação aos elementos componentes do texto jornalístico, é preciso antes, separá-los em subcategorias. Dessa forma, a primeira análise que deve ser levada em conta, é o espaço dado a cada um desses fatores que formam o texto informativo.

### 2.1.2 Método quantitativo

Bauer e Gasktell (2003, p.19) demonstram a importância em se definir as dimensões da pesquisa em comunicação. “Estas dimensões descrevem o processo de pesquisa em termos de combinações de elementos através das quatro dimensões”. Segundo os autores, as quatro dimensões são formadas pelo delineamento da pesquisa, o método de coleta

de dados, a análise dos dados e a definição dos interesses do conhecimento.

Para Bardin (2000) três etapas são suficientes para o desenvolvimento da pesquisa científica: a primeira, chamada de pré-análise, consiste em escolher e organizar os documentos que serão analisados, formulação das hipóteses e objetivos e elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação; o segundo passo é a exploração do material, fase da análise propriamente dita que consiste basicamente em por em prática as decisões tomadas e administrá-las e, por fim, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação.

Para que se possa obter êxito ao fim da pesquisa, é necessário levantamento bibliográfico preliminar, de modo que se tenha suporte para a coleta e interpretação dos dados. Por meio do referencial é possível definir os critérios utilizados para a seleção dos dados, bem como do objeto de pesquisa. “A definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações” (DUARTE, 2002, p. 141).

No caso da pesquisa em imagem, são diversas as formas conhecidas de análise de conteúdo. A análise técnica, também chamada topográfica, consiste na observação de detalhes como enquadramento, iluminação e, no caso do fotojornalismo, posicionamento da imagem no jornal. Porém, quando se fala de valorização da fotografia como meio informativo, pode-se observar matematicamente como essa fotografia ocupa o espaço noticioso do jornal. Isso por meio da análise da área ocupada pelas fotos em relação à área de texto do jornal.

Para tanto, as imagens podem ser divididas tanto em temáticas tratadas jornalisticamente, quanto pela paginação do jornal, onde se analisam separadamente as fotos de capa, páginas pares e páginas ímpares. Bardin (2000, p.55) afirma que “Mais longe da análise, convém classificar as unidades de significação, introduzindo uma ordem suplementar reveladora de uma estrutura interna”. Entretanto, para que se possa ter clareza quanto à temática utilizadas, deve-se levar em conta a relação entre texto e imagem como fontes informativas complementares, onde o título, a legenda e a matéria que acompanham a foto são igualmente conferidores de sentido à mesma.

### 2.1.3 Aplicação do método conceitual de análise

O método conceitual de análise imagética, também chamada de análise topográfica, se utiliza das teorias referentes à produção e edição da imagem, tais como uso de imagens coloridas ou pretas e brancas, posicionamento e localização na página. Para White (2006), a parte superior da página é mais valorizada por ser vista primeiro, enquanto as páginas ímpares atraem o leitor antes das pares pelo movimento de folhear.

Dessa forma, ao posicionar uma imagem em quadrante superior de uma página ímpar, está se dando maior ênfase à mesma do que quando ela está colocada na dobra inferior de

uma página par, onde o contato do leitor não será imediato. Da mesma maneira acontece quando se compara uma imagem colorida com uma em preto e branco. A fotografia em preto e branco perde em contraste com a cor do texto e acaba por não se sobressair em relação ao mesmo como acontece quando a imagem é publicada em cores.

Ao observar o posicionamento das imagens, categorizando-as quanto ao espaço que ela ocupa no periódico, pode-se ter noções bastante claras quanto ao papel que essa imagem desempenha dentro de periódico. Cervi e Antonelli (2007, p.245) dizem que “Chamadas na primeira dobra tendem a ganhar mais importância que as na segunda”. Embora existam diversos recursos técnicos tais como infográficos, imagens e boxes que chamam atenção do leitor para diversas áreas do periódico, o espaço que o fotojornalismo ocupa demonstra a valorização que lhe é dada pela equipe de edição e diagramação.

Para tanto, as imagens são categorizadas quanto à dobra (superior e inferior), cor e página (capa, páginas pares e páginas ímpares). Essa categorização pode ser feita dentro de determinados períodos do veículo, para que se possa ter uma análise de como essa valorização mudou com o passar do tempo. Para tanto, são desenvolvidos cálculos, indicando a porcentagem de imagens daquele período publicadas em cada espaço pré-determinado do jornal. Assim, pode-se ter uma visão mais clara de como esses espaços se alteram em cada espaço temporal.

Também pode-se utilizar o método para observar a valorização fotojornalística de determinadas temáticas. Isso porque, quando na capa de um determinado periódico aparece uma imagem de cultura e uma de economia, sendo que a foto sobre cultura aparece no quadrante inferior e a de economia no quadrante superior, pode-se dizer que a imagem relativa ao tema economia - mesmo tendo tamanho menor do que a de cultura - está mais valorizada do que a outra. A situação se agrava ainda se a imagem de economia for colorida e a outra em preto e branco. Isso vale para jornais em formato *standard*, onde a dobra superior sempre fica exposta em relação à inferior.

A fim de exemplificar o uso dessa forma de análise, toma-se como objeto o Jornal semanal Folha de Irati, editado desde 1973 e que tem uma tiragem média de dois mil exemplares/semana. Ao analisar a utilização do fotojornalismo na primeira página do periódico, optou-se pelo recorte temporal, observando uma edição do jornal a cada dois meses. Nesse recorte, são utilizadas todas as imagens consideradas fotojornalísticas, ou seja, desconsideram-se fotografias de coluna social, publicidade e imagens não fotográficas (charges, desenhos, ilustrações, gráficos e tabelas). As imagens foram reagrupadas em períodos temporais, geralmente seguindo a lógica de quinquênios. Somente o primeiro período ficou menor, uma vez que foi feito o agrupamento dos anos de 1973, 1974 e 1975, formando um triênio.

As categorias utilizadas para a análise podem ser:

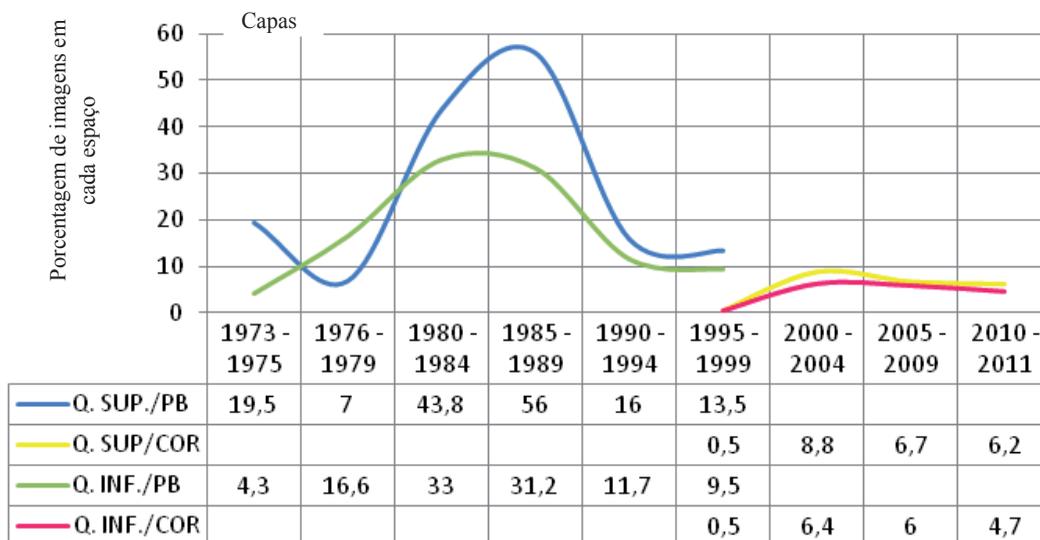
- 1) Quadrante, que pode ser:
  - a) Superior (metade superior da página) e inferior (metade inferior da página do jornal); e
  - b) Quadrante 1 (Q1), Quadrante 2 (Q2), Quadrante 3 (Q3) e Quadrante 4 (Q4)
    - a) **Q1** – Equivalente ao quarto superior esquerdo em páginas pares e ao quarto superior direito em páginas ímpares.
    - b) **Q2** – Equivalente ao quarto superior direito em páginas pares e ao quarto superior esquerdo em páginas ímpares.
    - c) **Q3** – Equivalente ao quarto de página inferior direito nas páginas pares e ao quarto inferior esquerdo nas páginas ímpares (logo abaixo do Q2).
    - d) **Q4** – Equivalente ao quarto inferior esquerdo nas páginas pares e ao quarto inferior direito nas páginas ímpares (logo abaixo do Q1).
- 2) Cor:
  - a) Colorida; e
  - b) Preta e branca

- 3) Formato:
  - a) Retrato;
  - b) Paisagem; e
  - c) Quadrada.

As imagens podem ser separadas por período temporal ou por temáticas (esporte, política, economia, entre outros). Thomaz e Paschoarelli (2010, p.4) afirmam que os elementos gráficos utilizados pelo jornal servem como unificadores de equivalência à notícia, uma vez que atraem a atenção do leitor para áreas que não teriam essa visibilidade. Assim, ao analisar como o jornal dispõe as fotografias, pode-se observar a importância que a mesma tem como fonte informativa e atrativa.

No caso exemplificado da Folha de Irati, as imagens foram distribuídas de acordo com a cor e o quadrante, sendo dispostas em tabelas que as elencavam em quadrante superior/coloridas; quadrante superior/preta e branca; quadrante inferior/coloridas e quadrante inferior/preta e branca. As fotos foram analisadas conforme um recorte temporal, já especificado acima, chegando-se ao seguinte resultado:

**Gráfico 1:** Percentual de espaço topográfico ocupado pelas imagens de capa do jornal



Pode-se observar que a forma como as imagens são apresentadas na capa do semanário se altera em praticamente todo o período analisado, estabilizando-se medianamente apenas a partir dos anos 2000. Até esse período, diversas concepções do uso do fotojornalismo como fonte informativa e atrativo ao leitor foram testadas, fazendo com que não houvesse linearidade na maneira como a imagem era utilizada. Isso pode ser observado claramente no gráfico resultante da pesquisa.

#### 2.1.4 A Matemática na análise fotojornalística

Quando se fala em método matemático, trata-se do espaço físico ocupado pela imagem. Esse meio de análise pode ser

usado para observar como a imagem sofre mudanças na valorização e no ganho de espaço ao longo do tempo.

Para Minayo e Sanches (1993, p.241)

À medida que as observações e mensurações tornam-se mais acuradas e extensivas, no âmbito das *soft sciences* tem surgido a oportunidade de se usar a linguagem matemática para descrever, representar ou interpretar a multidiversidade de formas vivas e suas possíveis inter-relações.

O uso da matemática na análise é fundamental para que se possa obter resultados consistentes a respeito da mudança no espaço ocupado pela fotografia no jornal. Por meio dessa observação, pode-se ter uma visão mais complexa da interrelação entre texto e imagem na produção jornalística.

Esse espaço se refere à porcentagem de área noticiosa do periódico ocupado por fotografias. Dado pela área total das fotografias ( $A_f$ ), dada pela soma das áreas de cada uma das imagens ( $A_f = \sum \alpha_f$ ), multiplicado por 100 e dividido pela Área Total ( $A_T$ ) do espaço jornalístico do semanário.

Assim, tem-se:

$$\%fig = \frac{100 \cdot A_f}{A_T}$$

A fórmula acima descrita trata-se de uma reformulação do que popularmente chama-se na matemática, de “Regra de Três Simples”. Pode-se observar abaixo seu surgimento:

$$\frac{A_T = 100\%}{A_f = \%fig}$$

$$A_T \cdot \%fig = 100 \cdot A_f$$

$$\%fig = \frac{100 \cdot A_f}{A_T}$$

Utilizando como exemplo a Folha de Irati, sob o mesmo período e circunstâncias já descritas, analisar-se-á o espaço físico ocupado pelas imagens em relação ao texto jornalístico. Esse tipo de análise convém à medida que demonstra o quão valorizada a imagem é como fonte informativa no periódico, somando-se ao texto como forma de criar subsídios informativos sob o fato social noticiado, informando o leitor de maneira mais clara e completa, já que o texto muitas vezes não consegue dar conta de detalhes mostrados pela fotografia.

Somando-se as áreas de todas as imagens do primeiro triênio, tem-se uma área fotográfica equivalente a 833,75 cm<sup>2</sup>,

sendo que a área geral das capas desse mesmo período é de 20271,7 cm<sup>2</sup>, lembrando que essa é a soma de todas as edições coletadas entre os anos de 1973 e 1975, somando-se 17 capas de jornal.

Dessa forma, observa-se que:

$$\%fig = \frac{100 \cdot A_f}{A_T}$$

Onde,

$$A_f = 833,75 \text{ cm}^2$$

$$A_T = 20271,7 \text{ cm}^2$$

Lembrando que as áreas devem estar calculadas sob a mesma unidade de medida (no caso, em centímetros). Assim,

$$\%fig = \frac{100 \cdot 833,75}{20271,7}$$

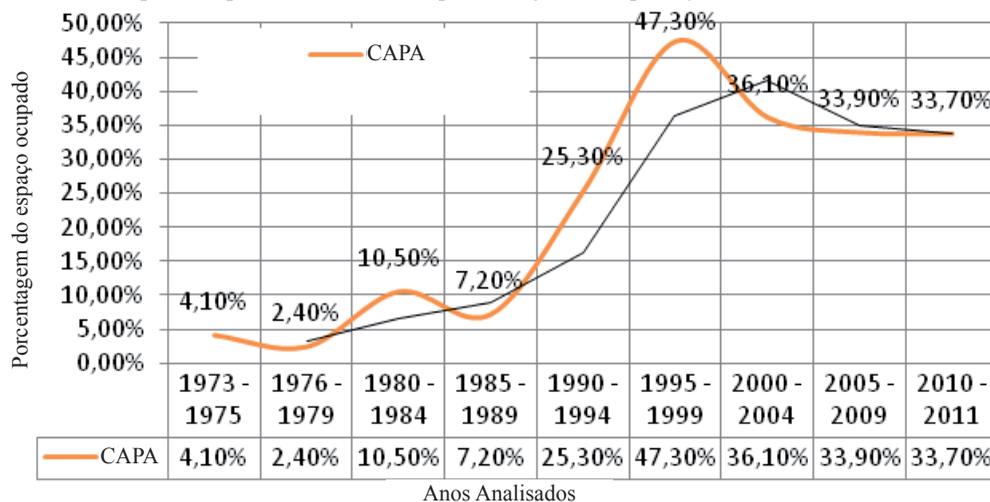
$$\%fig = \frac{83375}{20271,7}$$

$$\%fig = 4,1$$

Dessa forma, pode-se dizer que no triênio 1973 – 1975, as fotografias ocuparam 4,1% do espaço noticioso das capas do jornal Folha de Irati. O restante do espaço informativo, ou seja, 95,9% é utilizado textualmente.

Quando se utiliza essa forma de análise para observar um período mais longo, os resultados apontam para um perfil fotojornalístico do periódico. O gráfico abaixo traça esse perfil das capas do jornal Folha de Irati entre 1973 e 2011, demonstrando os períodos em que a imagem ocupou, percentualmente, em cada período observado.

**Gráfico 2:** Espaço ocupado estatisticamente pelas imagens na capa do jornal entre 1973 e 2011



Dessa forma, a utilização desse método em um longo período de análise, ajuda a compreender o comportamento do jornal quanto ao uso do fotojornalismo. Quando essa forma

de análise é associada à pesquisa qualitativa e/ou histórica, os dados aparecem de forma mais concisa, contribuindo no que diz respeito à atribuição de significados para os períodos de

alterações na porcentagem média ocupada pela foto.

Por exemplo, no jornal utilizado como objeto, pode-se visualizar que a área ocupada pela fotografia começa a aumentar proporcionalmente a partir do final da década de 1980 e início dos anos 1990. Quando se faz um resgate histórico do jornal, observa-se que nesse período inicia-se o processo de digitalização da redação, juntamente com a mudança na direção do jornal. Esses são fatores que certamente contribuíram significativamente para a valorização da fotografia jornalística no periódico.

Qualitativamente, as fotos ganham novos formatos nesse período. São utilizadas imagens panorâmicas, além de fotos quadradas ou com recortes ao redor do objeto principal. Também são abordadas diferentes temáticas, tais como esporte e infraestrutura. As legendas das fotos são reduzidas com o aumento do espaço das imagens. Isso demonstra como a fotografia começa a ser utilizada informativamente e, no caso das capas, como instrumento atrativo de leitores.

### 3 Conclusão

Dessa forma, em ambas as análises há perspectiva da valorização sofrida pelas imagens sob diversos aspectos. Assim, ao desenvolver uma análise conceitual do uso da fotografia no jornalismo contemporâneo, pode-se ter um panorama de como o periódico analisado trabalha o fotojornalismo como meio de chamar o leitor para o texto, bem como se utiliza da imagem como fonte informativa.

Quando se utiliza o método matemático, tem-se uma noção mais clara do espaço que a fotografia ganha no jornalismo contemporâneo, além da oportunidade de traçar um gráfico apontando momentos onde a fotografia esteve tão presente no periódico quanto o texto. Dessa forma, pode-se ter uma leitura diferenciada quanto ao espaço das imagens nos jornais.

### Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso. Ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2003

BURMESTER, C.F. *Fotografia do analógico para o digital: um estudo das transformações no campo da produção de imagens fotográficas*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Universidade de São Paulo, 2006.

CERVI, E.U.; ANTONELLI, D. Primeira página e visibilidade de temas sociais: uma análise comparativa entre jornais diários de abrangência local em dois pólos regionais do Paraná. *Política & Sociedade*, n.11, p.239-269, 2007.

COUTINHO, M.G.L. *Photosynth: a tecnologia de imersão como fator de mudança no fotojornalismo*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, n.115, p.139-154, 2002.

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996.

MAUAD, A.M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, v.1 n.2, p. 73-98, 1996.

MENESES, U. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Rev. Bras. Hist.*, v.23 n.45, p.11-36, 2003.

MINAYO, M.C.S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo ou complementaridade. *Cadernos de Saúde Pública*, v.9, n.3, p.237-248, 1993.

NEIVA JÚNIOR, E. *A imagem*. São Paulo: Ática, 1994.

PEIXOTO, J.G.; JUNIOR, J.A. *Produção e pós-produção no fotojornalismo contemporâneo*. 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peixoto-junior-producao-e-pos-producao-no-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2012.

PLATÃO, A. *República*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SILVA, L.M.F. Fotografia e literatura: a economia da expressão. *Revista Ararobá*, n.1, 2007. Disponível em: <<http://www.isepnet.com.br/site/revista/>>. Acesso em: 2 maio 2012.

SOUZA, J.P. *Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, J.P. Uma história crítica do fotojornalismo ocidental. Chapecó, *Letras Contemporâneas*, 2004.

THOMAZ, D.A.P.; PASCHOARELLI, L.C. Características da interface dos sites de notícia: Um estudo do design e da usabilidade de jornais impressos e eletrônicos. *Educação Gráfica*. v.14, n.1, 2010. Disponível em: <[http://www4.faac.unesp.br/publicacoes/educacaografica/Num%2014\\_1\\_Artigos%20Completo/03Danielle.pdf](http://www4.faac.unesp.br/publicacoes/educacaografica/Num%2014_1_Artigos%20Completo/03Danielle.pdf)>.

WHITE, J.V. *Edição e design*. São Paulo: JSN, 2006.

